

DESCER DA NUVEM

Leila Danziger

Os nomes de pessoas – cujo sopro significa um rosto – os nomes próprios em meio a todos esses nomes e lugares comuns – não resistem à dissolução do sentido e não nos ajudam a falar?

Emmanuel Lévinas

A primeira pista que segui ao me aproximar dos arquivos e do acervo do Museu Judaico de São Paulo foi perguntar sobre o que (ainda) não tinha nome. O que aguardaria no limbo do arquivo para ser efetivamente integrado ou então descartado?

Há alguns anos, pesquisei no Arquivo Nacional as listas de passageiros dos navios que trouxeram refugiados judeus do nazifascismo ao Brasil.¹ Ao conviver com os documentos, me perguntei como inscrever, nas imagens que produziria, os nomes dos ausentes, daqueles que não encontraram um navio e um porto. Talvez uma de minhas buscas mais insistentes seja voltada para os vestígios do que não alcança o arquivo, a construção de uma espécie de infra-arquivo.

Vestígios e nomes me acompanham desde o início. Penso no nome próprio como um rosto, a parte mais nua e vulnerável do corpo humano, como diz Emmanuel Lévinas.²

É a esse apelo do nome-rosto, em sua vulnerabilidade, o que de forma direta ou indireta venho tentando responder, mesmo que isso se turve por momentos e não seja evidente em várias séries de trabalhos.

Os que carregam os arquivos ³

O privilégio deste convite do Museu Judaico foi o contato com documentos e objetos físicos, e não apenas digitalizados, trazidos pelas mãos de Ruth, Linda, Theodora, Judith, Leonardo e Messias. O material a que me apresentaram é infinitamente mais amplo e fascinante do que aquilo que proponho efetivamente ao diálogo expositivo. Lamento não ter conseguido integrar à mostra os rascunhos e as penas de ganso usados na rigorosa disciplina do escriba Lázaro Deutsch; os retalhos de renda de Johana Heyman; cadernetas com endereços e telefones há muito emudecidos; diários de classe que contêm a vida escolar de tantos; cabides feitos durante a guerra por Herman Dohan (porque mesmo em situações extremas há que se manter a ternura e a elegância); calendários de Jahrzeit, que nos lembram o aniversário de morte de pessoas queridas ao longo de 50 anos; o papel de carta do sanatório Ezra, em São José dos Campos, destinado a “tuberculosos pobres”; alguns volumes do Talmude da Babilônia, organizado e traduzido para o alemão por Lazarus Goldschmidt, poucos anos antes da destruição do mundo judaico europeu.

Como não haverá o encontro físico desses objetos na exposição, reúno-os aqui, em forma de texto, tentando dar conta de outras configurações de imagens e objetos que poderiam ter sido apresentadas a partir do que encontrei nas coleções do Museu.

Doar

Não lembro bem quando meu pai me contou: ao ficar noivo de minha mãe, que não era judia, minha avó decidiu doar para uma instituição judaica carioca um pequeno rolo da Torá que trouxera da Alemanha e que estava na família por duas ou três gerações. Embora a doação de uma Torá a uma sinagoga seja considerada uma honra para a família doadora, neste caso vejo a doação como um sinal de que, para minha avó, a família constituída por seu único filho se afastaria do judaísmo. Ela não teve tempo de ver que estava errada. Ao menos, em parte. De todo modo, perdas e rupturas são formas paradoxais de construir pertencimentos. E não acredito que permanecer numa tradição, seja ela qual for, constitua um valor em si mesmo. Permanecer ou reinscrever-se numa tradição cultural ou religiosa exige rever os acordos dessa inscrição, perguntar-se continuamente sobre seu sentido.

Martin e Abraham

Um dos eixos desta exposição tem como ponto de partida uma fotografia de 1968, com a qual convivo há um bom tempo. Nela, vemos o rabino Maurice Eisendrath carregando um rolo da Torá. Ele segue entre o reverendo Martin Luther King Jr. e o rabino Abraham Joshua Heschel, numa das longas caminhadas que fizeram juntos, em meio a outras lideranças religiosas, na luta pelos direitos civis de pessoas negras nos Estados Unidos. É no contexto dessas célebres manifestações que o Rabino Heschel disse uma frase que se tornou famosa: “senti que minhas pernas rezavam”.

Creio que o rolo da Torá, carregado na manifestação, reafirma a sua vocação política, no sentido básico de estar “entre os seres humanos”, ou melhor, de estar “entre seres humanos diferentes”, como Hannah Arendt define a política.⁴ Vale lembrar também que no cotidiano dos serviços religiosos judaicos há toda uma coreografia envolvendo a saída da Torá da arca, quando ela é carregada, exibida, até mesmo beijada e, enfim, lida e interpretada (uma tarefa sem fim). Em Simchat Torá, festa que marca o reinício da leitura do Livro, é costume abrir o rolo inteiramente, e também dançar com ele.

Na exposição, escolhi trazer um rolo da Torá para o espaço da arte, interrogando as alianças entre a arte, o espiritual e o político. É nesse sentido que, para além da alusão à nuvem como a plataforma virtual em que armazenamos continuamente nossos arquivos, a escolha do título da exposição foi decidida pela voz de Louis Armstrong, por um célebre *spiritual* cuja letra remete à passagem do Êxodo/Shemot em que há uma injunção a descer do alto, do monte em que Deus fala a Moisés e manda recados para o faraó, que prendia o povo de Israel no Egito – *Go down, Moses! Let my people go* (Desce, Moisés! Deixe meu povo ir...), canta Armstrong. Descer da nuvem, como entendo no contexto dos arquivos e do trabalho de memória, é liberar, colocar em movimento, assumir compromissos terrestres, atualizar antigas promessas à luz das urgências do presente. E, também, inventar danças e coreografias com o passado, tudo o que nos libere.

Josephine

Uma das surpresas que encontrei nos arquivos do Museu foi um álbum de autógrafos que pertenceu a Hugo Schlesinger. Entre seus cadernos de viagem, papeizinhos e anotações diversas, encontramos a assinatura de Josephine Baker, que além de artista excepcional, atuou na Resistência francesa durante a ocupação do país pelos nazistas na Segunda Guerra Mundial. Mais tarde, na década de 1960, Josephine lutaria contra o racismo, ao lado de Martin Luther King Jr. Sua grafia preenche uma das páginas do caderno de Schlesinger expandindo-se em diagonal, ampla e generosa, como os inúmeros papéis que ela assumiu em vida, e que procuro inscrever no espaço desta exposição pelo ritmo e pela repetição de alguns de seus movimentos de dança.

Lar

O que fazer com a quantidade avassaladora de fotografias repetidas, feitas quando o ato de fotografar era ruidoso e ouvíamos ainda o barulho do disparador? A singularidade das fotos que encontrei nos arquivos do Museu é seu caráter coletivo: são imagens de grandes grupos em reuniões sociais, jantares, colônias de férias. Colocadas lado a lado constroem um denso romance comunitário, em que parece só haver lugar para a felicidade. Por instantes até conseguimos esquecer que a felicidade ali, no que diz respeito às pessoas mais velhas, ao menos, é uma camada fina e quebradiça. Se pudéssemos ouvir as vozes das pessoas que estão numa das fotos do *Lar dos velhos*, com a qual convivi intensamente nos últimos meses, teríamos uma miríade de sotaques e um vigoroso coro em ídiche, essa língua que teima em sobreviver e que, como escreveu Kafka, é percorrida por levas migrantes, totalmente feita de palavras estrangeiras.

Por outro lado, no conjunto de fotos prestes a serem descartadas (porque repetidas e semelhantes), encontrei a presença encantadora da infância. E olhei as fotos das crianças tendo ao ouvido as perguntas de Rosana Kohl Bines: “Para onde as infâncias nos arrastam na correria? Arriscaríamos compor com elas outros inícios? Pronunciar com elas as frases que ainda irão nascer?”⁵

Irene e Andrea

Creio que a menina Andrea, retratada por sua mãe, a pintora Bertha Worms, era da mesma geração de minha avó, aquela que doou o rolo da Torá. A tela de Worms, que hoje integra o acervo do Museu Judaico de São Paulo, é de 1909, ano em que Irene Abraham, aos 11 anos, nem sonhava que um dia trocaria o bairro de Charlottenburg, em Berlim, pela Tijuca, na Zona Norte carioca, o que aconteceu logo após a promulgação das leis raciais de Nuremberg, em 1935, que destituíram os judeus da cidadania alemã. Em *Balangandãs*, mostro uma pulseira que contém pistas da vida de Irene. Certo número de pingentes – um globo terrestre, uma gaiola, um avião e o Corcundinha (aquele que aparece na *Infância berlinense*, de Walter Benjamin) são de sua vida alemã, enquanto um pandeiro, uma ferradura, duas figas e um mapa do Brasil são marcos de seu devir brasileiro. Associar à joia a silhueta da mulher negra, que aparece em uma aquarela de Debret,⁶ é a camada de sentido que eu acrescento à pulseira, como sua vocação e destino no Brasil, pois entendo a judeidade – a experiência subjetiva feita a partir da herança religiosa e/ou cultural judaica – como um etos, um engajamento existencial do lado dos vencidos.

Mehitzá/Separação

Outro eixo da exposição diz respeito ao próprio lugar em que a mostra se realiza, no balcão que até o início dos anos 2000 era destinado às mulheres, de onde elas acompanhavam o serviço religioso e podiam ver, mas não deveriam ser vistas. Duas fotos instaladas no guarda-corpo que delimita o mezanino lembram essa antiga separação (*mehitzá*), que foi desaparecendo aos poucos nas correntes progressistas do judaísmo. Dedico essa intervenção à Beruriah, que teria vivido no século II, uma das raras mulheres valorizadas no Talmude por sua própria capacidade reflexiva e conhecimento. Como observa a rabina francesa Delphine Horvilleur, a presença (histórica ou mítica) de Beruriah é uma espécie de grão de areia na máquina da exegese talmúdica, uma das fissuras do texto, que assim insere certa autocrítica a partir do interior: “Beruriah é aquela que, no coração do sistema de hegemonia masculina e de exclusão do feminino, faz ressoar uma voz dissonante”.⁷

Para Hurbinek, o que não tinha nome

Durante vários anos apaguei seletivamente jornais impressos, por um método extrativo, compreendendo esse apagamento como uma forma de leitura – ativa, em movimento, feita com o corpo em integridade. É um desejo similar de uma leitura ativa e corporal, que move a experiência que proponho na biblioteca *O povo do livro*, situada no mezanino. Espero que ela seja vista como um texto em si mesmo, um organismo vivo, em processo.

Uma biblioteca é uma biografia material, escrita com as palavras dos outros, lembra Paul B. Preciado na crônica “Um amor de biblioteca”,⁸ em que o filósofo nos fala das ordens e desordens dos livros em meio às relações amorosas. Suas reflexões fazem eco a “Desempacotando minha biblioteca”, de 1931, em que Walter Benjamin descreve um percurso de 12 horas arrumando seus livros – do meio-dia à meia-noite – tarefa que permanecerá para sempre inconclusa, pois seus livros estarão para sempre dispersos antes mesmo de sua morte, em 1940, na fronteira da Espanha.

Não sei quantas bibliotecas sobrevivem naquela que hoje integra o Museu Judaico, mas em seu centro inscrevo o nome de Hurbinek: um menino de 3 anos, nascido e morto em Auschwitz, lembrado apenas pelo testemunho de Primo Levi. Suas experiências balbuciantes em direção à aquisição da linguagem foram ouvidas por “falantes de todas as línguas da Europa”, e mesmo assim, seu sentido permaneceu secreto: “Não, não, não deveria ser uma mensagem, tampouco uma revelação: era talvez seu nome, se tivesse tido a sorte de ter um nome”.⁹

¹ NAVIO DE EMIGRANTES – Leila Danziger. (Catálogo de exposição). Brasília/São Paulo: Caixa Cultural e ADupla, 2018. Disponível em: https://www.leiladanziger.net/_files/ugd/22d7b6_76a518c0823d4a92a2d42c45b91b2078.pdf.

² LÉVINAS, Emmanuel. Noms propres. Montpellier: Fata Morgana, 1976, p. 9.

³ Subtítulo inspirado por CUNHA, Olívia M. Gomes da. *The Things of Others: Ethnographies, Histories, and Other Artefacts*. Boston: Brill, 2020.

⁴ ARENDT, Hannah. O que é política? Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

⁵ KOHL BINES, Rosana. Infância, palavra de risco. Apresentação: Leila Danziger. Rio de Janeiro: Numa Editora, 2022.

⁶ DANZIGER, Leila. “Melancolia à brasileira: A aquarela Negra tatuada vendendo caju, de Debret”. 19&20, Rio de Janeiro, v. III, n. 4, out. 2008. Disponível em: http://www.dezenovevinte.net/obras/melancolia_ld.htm.

⁷ HORVILLEUR, Delphine. En tenue d’Ève: féminin, pudeur et judaïsme. Paris: Grasset, 2013, p. 165.

⁸ PRECIADO, Paul B. “Un amour de bibliothèque”. Passa Porta, 23 sept. 2019. Disponível em: <https://www.passaporta.be/fr/magazine/un-amour-de-biblioth%C3%A8que>.

⁹ LEVI, Primo. A Trégua. São Paulo: Companhia das Letras, 1997, p. 30.